



ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

Artistas Imigrantes em Portugal. Mobilidade geográfica e trajectórias profissionais: ossos do ofício artístico

GOMES, Natália

Mestranda em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação
nataliavinhasgomes@gmail.com

NICO, Magda Lalanda

Doutoranda em Sociologia
magda.nico@iscte.pt

ROSADO, Rita

Licenciatura em Sociologia
ritarosado@gmail.com

Resumo

A presente comunicação baseia-se no estudo desenvolvido no âmbito do ACIDI e já publicado, "*Licença para Criar – Imigrantes nas Artes em Portugal*", que propõe uma análise à realidade socioprofissional dos artistas imigrantes a residir e desenvolver actividade artística em Portugal. Esta abordagem não só é estabelecida através da caracterização do emprego cultural desta camada da população residente em Portugal, mas também desenhando os seus principais estímulos e adversidades inerentes ao seu processo de inserção no mercado de trabalho português. Foi realizado um *diagnóstico quantitativo de caracterização da distribuição profissional de artistas imigrantes em Portugal* e um *diagnóstico qualitativo da situação sócio-profissional de artistas imigrantes em Portugal* onde se procedeu a um levantamento de lógicas de inserção laboral no campo artístico tendo em conta as trajectórias de vida dos artistas imigrantes e respectiva produção simbólica de significados em torno desse trajecto profissional.

Palavras-chave: Artistas imigrantes, Profissões artísticas, Histórias de vida





Introdução

“Licença para criar. Imigrantes nas artes em Portugal”, estudo desenvolvido no ano de 2007 de nossa co-autoria e da Dra. Sara Duarte, foi o resultado de um desafio lançado pelo Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), com o principal intuito de compreender o contributo dos imigrantes num sector profissional muito específico, o da arte

ⁱ. Para tal, foi construída a hipótese de que a especificidade deste campo faria da *diferença* uma vantagem competitiva, isto é, de que o *campo artístico seria um campo privilegiado para a inserção sócio-profissional de imigrantes*ⁱⁱ.

A presente comunicação presta-se, então, à partilha de alguns dos resultados desta pesquisa. O estudo levado a cabo contou com dados quantitativos de fontes secundárias como o Instituto Nacional de Estatística (INE) e o Ministério das Finanças (MF), tendo-se procedido a um *diagnóstico quantitativo de caracterização profissional dos artistas imigrantes em Portugal*ⁱⁱⁱ. Procedeu-se igualmente a um *diagnóstico qualitativo da situação sócio-profissional dos artistas imigrantes*, através de dados qualitativos de fontes primárias: os artistas, que fizeram das suas vidas histórias contadas^{iv}. São estas histórias que, sem acrescentar ponto, mas sim reflexão e estrutura, contamos agora^v.

Aspectos metodológicos e “amostrais”

Antes das histórias, é necessária a apresentação dos seus protagonistas. Para tal, é essencial a exposição, ainda que sucinta, das opções metodológicas que nos levaram ao seu encontro.

Com o objectivo de recolher uma variedade significativa de percursos de artistas imigrantes em Portugal, a primeira opção metodológica prendeu-se com a delimitação dos domínios artísticos a contemplar para a análise. Foram, então, considerados os domínios artísticos das Artes Performativas, das Artes Visuais e do Audiovisual e Multimédia. Esta selecção foi realizada com base na classificação desenvolvida pelo LEG (Leadership Group^{vi}) criado pela Comunidade Europeia em 1997 (com o objectivo de tornar comparável e coerente a informação recolhida a nível Europeu, em torno da arte). Assim, considerou-se apenas uma das funções artísticas existentes: a criação^{vii}.

A segunda opção foi de delimitação territorial. Não tendo a ambição de representatividade de entidades culturais e artísticas, dada a grande lacuna de informação sobre o universo propriamente dito, mas mantendo o objectivo de abarcar a diversidade de entidades em termos quer de sectores de actividade (Público, Privado e Terceiro Sector) quer de domínios artísticos, foi tomada a opção de cingir os nossos contactos à Área Metropolitana de Lisboa (AML), por esta concentrar estas duas diversidades.

Afastando-nos conscientemente da difícil diferenciação entre *artista profissional* e *artista amador*, foi tomada a opção de contactar entidades artísticas de referência na AML, de forma a que nos pudessem informar acerca da existência de artistas estrangeiros que vivessem e trabalhassem em Portugal há pelo menos um ano, que com eles colaborem ou tenham colaborado, e ceder-nos os seus contactos. Foram contactadas 51 entidades, tendo 21 cedido contactos.

Entre estes contactos de artistas, foi necessária uma selecção. Esta não teve por base critérios, mas sim preocupações, de cariz representativo, tentando respeitar três aspectos da base de dados de artistas construída: (i) *diversidade* de domínios artísticos e de nacionalidade, (ii) de *raridade* de combinações entre nacionalidade e domínio (por exemplo, actores com nulo contacto com a língua portuguesa nos países de origem) e (iii) de alguma *representatividade* relativamente ao universo de contactos obtidos (78). A representatividade face ao universo de artistas imigrantes em Portugal esteve desde logo minada pela fraca desagregação dos dados fornecidos pelo INE com que nos deparámos no desenvolvimento da componente quantitativa deste mesmo estudo.



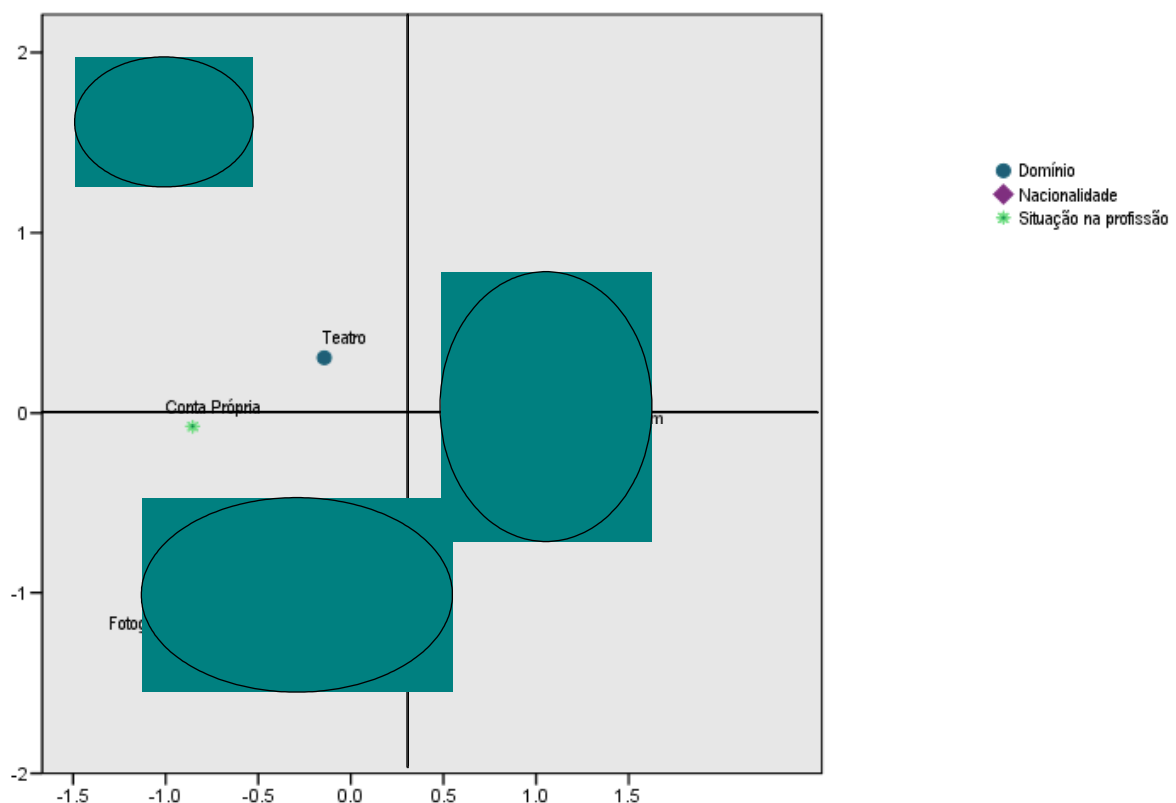
Foram seleccionados 30 artistas de diversas nacionalidades, sectores de actividades e domínios artísticos. A quem pertencem, então, estas histórias?

Podemos observar no quadro seguinte a sobre-representação de Europeus. De ressaltar que esta sobre-representação reflecte a predominância europeia encontrada nos dados quantitativos. Assim, cerca de dois terços dos entrevistados são Europeus, metade da União Europeia, outra metade não pertence à União Europeia (até à data do projecto). Verificámos, porém, que alguma desta nacionalidade Europeia (da União) foi obtida estrategicamente e anteriormente à vinda para Portugal (com base na nacionalidade de um dos pais ou através de casamento), o que fazia prever uma espécie de hereditariedade da experiência de mobilidade. Entre os restantes, é de referir que a maioria dos artistas provenientes de PALOP adquiriram já a nacionalidade Portuguesa.

Também em consonância com as conclusões retiradas dos dados quantitativos analisados, a população entrevistada é relativamente jovem, com cerca de metade do total de inquiridos com menos de 40 anos, e predominantemente do sexo masculino. Verificamos não apenas a tendência para a hereditariedade das profissões artísticas, mas também para a endogamia. Assim, muitas das(os) parceiras(os) de vida dos nossos entrevistados(as) são igualmente artistas, ainda que a selecção por via das instituições não nos tenha levado até elas(es).

As artes performativas (a música, a dança, o teatro, as artes circenses) estão sobre-representadas com cerca de $\frac{2}{3}$ do total de entrevistados (reflectindo, porém, o universo dos contactos fornecidos). Verificámos uma incidência dos músicos entre os provenientes de países Europeus não pertencentes à União Europeia e, por outro lado, dos artistas plásticos entre os provenientes dos PALOP. Tais aspectos podem ser verificados no gráfico seguinte:

Gráfico 1: Perfis de artistas por nacionalidade, Domínio e Situação na profissão





A pluriactividade é frequente entre estes artistas, para cerca de metade. É no caso do teatro que esta é mais intensa, mas é no caso da música e da dança que esta é mais associada a actividades docentes. Se níveis elevados de escolaridade são encontrados na quase totalidade das famílias dos entrevistados, as profissões artísticas do agregado familiar de origem são mais frequentes na dança e na música (sendo também verificadas nas famílias actuais dos entrevistados). Tais aspectos serão qualitativamente desenvolvidos mais adiante.

Tabela 1: Número de artistas entrevistados

Origem	Domínios Artísticos			Total
	Artes Performativas	Artes Visuais	Audiovisual e Multimédia	
África – PALOP	1	4	0	5
Europa – UE	7	1	2	10
Europa – Outros	8	1	0	9
América Central e Sul	4	0	2	6
Total	20	6	4	30

Paradoxos da abertura do campo artístico

O objectivo de a curto ou médio prazo exercer o ofício artístico em Portugal, para além de, como será desenvolvido, estar associado a uma grande diversidade de motivações, envolve dois aspectos aparentemente paradoxais: (i) por um lado, a ausência de contratos de trabalho que caracteriza o campo artístico e dificulta a legalização da permanência em Portugal; (ii) por outro lado, a impermeabilidade à discriminação baseada na nacionalidade.

(i) Perante a ausência de contratos predominante em todos os domínios, com menor incidência na dança e na música, estes artistas mobilizam os mesmos recursos para a legalização da permanência em Portugal que outro qualquer imigrante. Ora instrumentalizam a nacionalidade de um dos pais (seja Portuguesa, seja da União Europeia), ora tentam obter a nacionalidade através do casamento com cônjuge Português ou Europeu, ora exercem actividades fora do campo artístico mas onde o vínculo contratual é mais acessível. Pelas palavras dos artistas:

“Casei uns meses antes de vir mesmo, um pouco para regularizar a situação e para não ter que passar problemas... Já estávamos juntos e nem queria casar, mas acabámos por casar...”

Artista Plástica, Angolana, 35 anos

“Eu vim para cá com a consciência que não vou logo ser actor aqui (...)Por isso tinha consciência que ia ter que trabalhar nas obras (...). E só depois, passado algum tempo, dois anos, é que já comecei a bater às portas e a tentar a sorte.”

Actor, Russo, 29 anos



(ii) A impermeabilidade à discriminação com base na nacionalidade não implica que sejam as entidades artísticas, mesmo aquelas que, por via de convite, incentivaram os artistas à imigração, a auxiliar ou informar no processo de legalização da permanência em Portugal. Assim, esta impermeabilidade refere-se, sobretudo, aos colegas de trabalho artístico ou à receptividade do público, chocando com as relações sociais estabelecidas fora deste meio, onde a permeabilidade aos preconceitos baseados na nacionalidade ou na origem do processo migratório é mais frequente.

“Na tropa, podes trazer qualquer coisa? Se estás na mesma formação organizada há disciplina. Se és inglês ou americano, é o mesmo... Agora fora da orquestra toda a gente vive como tem hábito de viver: ingleses assim, americanos assim, franceses assim, arménios assim, turcos assim. (...) Mas lá na orquestra não tens o direito de trazer nada. Tu tens que cumprir regras dentro de casa.

Violinista, Arménio, 55 anos

“Não existe discriminação. No palco não tem raça (...). A tua etnia não deve ser a base do teu trabalho! Que o teu corpo e a tua mente devem estar sempre abertos a outras culturas e a transformação do artista tem que passar por isso. E essas raízes culturais não devem ser a primazia do resultado do trabalho artístico”

Performer de artes circenses, Brasileira, 29 anos

Esta impermeabilidade está positivamente associada à incorporação da cultura nacional materna no trabalho artístico. São dois os domínios artísticos mais permeáveis a esta mesma incorporação: as artes plásticas e as artes performativas. No caso das artes plásticas, a incorporação da cultura nacional materna no trabalho artístico é visível essencialmente pelo conteúdo das obras. Especialmente no caso dos provenientes de PALOP (que estão sobre-representados nas artes plásticas, na nossa amostra) é, muitas vezes, em homenagem aos seus países de origem que mais exercem a sua criatividade.

No caso da representação, o instrumento principal de exercício artístico é a língua. Desta forma, é um exemplo de formação profissional valorizada mas não imediatamente exequível no país de acolhimento. O reconhecimento das competências é mais imediato do que a sua exequibilidade, o que adia muitas vezes o processo de integração no meio artístico. Nestes casos, bem como no caso da música, é a actividade secundária da docência, através do contacto com os alunos, que muitas das vezes facilita a aprendizagem do português.

Trajectórias de (i)migração: motivações artísticas ou não artísticas?

O estudo que aqui discutimos procurou descortinar, entre outros aspectos, os intuitos que conduziram os artistas entrevistados a Portugal. Que motivações estão na base da decisão de (i)migrar para Portugal? São desígnios artísticos ou não artísticos os despoletadores da vinda destes imigrantes?

Para mais de metade dos artistas nossos entrevistados, na origem da trajectória migratória em direcção a Portugal encontram-se frequentemente razões de natureza política, económica, familiar e afectiva.

Assim sendo, é possível afirmar que a imigração assente em motivações não artísticas é a mais frequente entre os artistas entrevistados. Além disso, a imigração movida por intuitos não artísticos é transversal aos diferentes domínios artísticos, nacionalidades e géneros dos entrevistados, não sendo, por isso, possível traçar homogeneidades com base nestas características sociais.



Entre aqueles que chegam a Portugal movidos por intuítos maioritariamente não artísticos, evidenciam-se os imigrantes provenientes dos países europeus não pertencentes à U.E.^{viii} (na sua maioria países da Europa de Leste). Uma parte considerável destes artistas imigrantes vêem na instabilidade política e económica dos seus países de origem o motivo primeiro que criou as condições necessárias para a vinda a Portugal a audições/concursos e/ou para a aceitação de convites de estruturas artísticas portuguesas. Além disso, Portugal afigurava-se como um dos países da Europa onde o processo de legalização se encontrava mais facilitado (ou menos restritivo).

“[A razão pela qual vim para Portugal foi a guerra]. Guerra que primeiro começou em 92 na Bósnia, e eu vivi na Bósnia casada com eles pequeninos e desloquei-me da Bósnia, de Sarajevo, para Belgrado para Sérvia, onde viviam os meus pais. E pronto em 99 começou o bombardeamento da Nato, Belgrado e essas coisas todas... e meu irmão já estava aqui muito há muitos anos.”

Actriz, Jugoslava, 36 anos

As motivações afectivas e amorosas na base do processo de imigração para Portugal não são padronizadas por nacionalidade, género ou domínio artístico. Os afectos ditam uma numerosa parcela das trajectórias (i)migratórias dos nossos entrevistados, quer se trate de reunião familiar (vindo ao encontro dos cônjuges/namorados(as)), de uma decisão tomada em família (acompanhando os companheiros/cônjuges na decisão de imigrar para Portugal) ou, ainda, de situações em que os artistas imigrantes se *apaixonam* por um português/portuguesa em Portugal (no decorrer de experiências profissionais artísticas inicialmente encaradas como temporárias e determinadas no tempo) ou fora de Portugal.

“Ele convidou-me, eu fui fazer as audições normalmente e eu passei para fazer um macaco, era um macaco brasileiro, era um macaco sambista, a música do samba e... (...) e fiquei até ao final do ano 2001 fazendo esse trabalho. Entretanto apaixonei-me... (...) Apaixonei-me! E o que nos prende é sempre ou o trabalho ou o coração. (...) E enquanto eu estava com ela houve uma audição para o Teatro da Trindade para dois espectáculos... (...) Ah, e eu aí tive que voltar ao Brasil para realmente... entregar a casa que eu tinha arrendada, entregar por um ano todos os meus projectos, destinar para outras pessoas... (...) Foi a paixão que me moveu a vir para Portugal.”

Actor, Brasileiro, 30 anos

Mais pontuais, mas igualmente fundadas em desígnios não artísticos, detectam-se nas motivações destes artistas situações relacionadas com uma curta estadia para férias ou para estudo numa instituição de ensino portuguesa (que acabaram por facilitar o desenvolvimento de um forte fascínio pelo país), bem como situações de artistas (sobretudo no caso de artistas imigrantes provenientes de países europeus como a França, Inglaterra, Espanha) para os quais a qualidade de vida proporcionada pela capital lisboeta se afigurou como o factor determinante na decisão de partir rumo a Portugal.

Verificamos, portanto, que projectos inicialmente temporários ou ocasionais também justificaram a vinda, ainda que outros motivos tenham justificado a permanência.

“Sim, queríamos sair da Bélgica, já não estávamos felizes por questões pessoais, profissionais... Tudo... E começámos a pensar em sítios onde gostaríamos de ir, e queríamos encontrar sol. (...) Eu tinha vontade de voltar para casa, de voltar para França...mas tive esta proposta do R... para vir dançar aqui, como bailarina principal... Então viemos à audição. Tivemos uma audição às dez da manhã e ele disse-nos depois da aula



para ver a cidade, para pensarmos um pouco... (...) E o facto de ser uma capital, viva, movimentada, entusiasmou-me muito. Na cidade onde estávamos na Bélgica não era assim... O facto de estar numa capital, onde tudo converge, todos os espectáculos, onde há mais vida... Mas não é tão grande como Paris ou Londres... Para mim é o ambiente ideal de cidade... É perfeita. Ficámos apaixonados pela cidade... Nunca vi um céu como este... (...) Sim, podemos estar no terraço. São coisas importantes, e quando gostamos de viver num sítio ajuda também a nível profissional, pessoal... “

Bailarina, Francesa, 34 anos

No interior do grupo de entrevistados que imigrou para Portugal tendo na génese das suas trajectórias (i)migratórias motivações eminentemente artísticas, verifica-se alguma homogeneidade no que se refere ao factor nacionalidade. No entanto, os entrevistados trazidos por motivações eminentemente artísticas não apresentam semelhanças no que se refere aos domínios artísticos de actividade (e ao género), uma vez que se encontram dispersos pelas vários domínios das artes: do teatro à música, da dança às artes circenses, do cinema às artes plásticas.

Efectivamente, a esmagadora maioria dos artistas provenientes dos PALOP foram conduzidos pela necessidade de aperfeiçoamento e desenvolvimento da actividade artística, frequentemente consubstanciada no facto de quase todos eles terem ingressado em instituições de ensino artístico (instituições de ensino superior e não só) aquando da sua entrada em Portugal. Esta tendência é reforçada pelo facto de atravessar várias gerações: os artistas dos PALOP que emigraram para Portugal nos anos 60 foram movidos pelos mesmos intuitos que aqueles que o fizeram a partir do ano 2000.

“Angola é difícil, em termos de materiais é muito difícil, em termos de informação, em termos de captação de teorias, em termos de vontade de desenvolver alguma coisa a nível cultural, é difícil. Então há uma altura em que tens que sair para te enriqueceres... Enriqueceres-te sobretudo ao nível teórico e a nível dos materiais, a nível técnico. Há muitos pintores que nunca foram à escola e pintam bem e não sei quê... mas acho que é importantíssimo termos uma informação, sobre os movimentos filosófico-artísticos, e acho que era isso que me faltava também, porque antes eu fazia coisas muito com o coração e através de exploração de materiais e até funcionava bem, há até quem diga que o que eu fazia antes era mais...”

Artista Plástica, Angolana, 35 anos

Ainda no que se refere às homogeneidades com base na nacionalidade, refira-se que os artistas provenientes dos países da U.E., cujas motivações que despoletaram o processo migratório em direcção a Portugal se podem considerar como essencialmente artísticas, partilham entre si a busca da diversificação das suas experiências artísticas, considerando que a mobilidade geográfica é em si mesma um motor de enriquecimento pessoal e artístico. Muitos deles partilham igualmente determinados condicionalismos que têm subjacente o facto de verem frequentemente inibida a possibilidade de desenvolvimento da(s) sua(s) actividade(s) artística(s) nos seus países de origem, atribuindo a essa impossibilidade a forte concorrência verificada nas suas áreas artísticas (sobretudo no domínio da dança e da música erudita).

“Foi simplesmente porque acabei de estudar e fui à procura de emprego... E foi uma das primeiras posição disponíveis que apareceu... Havia concursos em Londres para a Orquestra Sinfónica Portuguesa e ganhei um lugar, lá em Londres.”

“[Mas não queria ficar em Londres?]”

Bem foi muito importante para mim ter algum trabalho porque é muito difícil encontrar uma posição numa orquestra... E também tive interesse em trabalhar no estrangeiro.”



Músico, Inglês, 36 anos

É ainda curioso verificar que, ao analisar os diversos percursos de mobilidade geográfica, se detecta que são precisamente estes entrevistados provindos dos países da U.E. aqueles que incluem na sua trajectória migratória a passagem por um ou mais países antes da chegada a Portugal. Refira-se, contudo, que a grande maioria dos entrevistados imigrou directamente para Portugal, sem ter vivenciado outra experiência de imigração.

Sobre a mobilidade geográfica dos nossos entrevistados, de notar também que o domínio artístico onde se encontram as trajectórias migratórias mais ricas e diversificadas é a dança. Note-se também, a este respeito, que os países de acolhimento anteriores a Portugal são normalmente a França, Inglaterra e os Estados Unidos da América uma vez que se tratam de países considerados os centros hegemónicos da produção cultural e artística. No entanto, apesar dessa dinâmica cultural e artística, muitos entrevistados lamentam o ritmo frenético dos espectáculos nesses países, valorizando a qualidade de vida proporcionada pela capital lisboeta não apenas pelo que ela oferece em termos pessoais (o mar, o clima, a dimensão quase rural, etc...), como também pela tranquilidade profissional que ela proporciona. Vejamos, a título exemplificativo, este testemunho de um músico inglês: *“Eu vejo que poderia desenvolver algumas coisas muito mais lá na Inglaterra... mas em troca tenho uma vida que acho que é melhor aqui, porque por exemplo tenho o trabalho na orquestra que é muito agradável e... não ocupa muito tempo. Na Inglaterra os músicos das orquestras trabalham sempre nas orquestras, não há hipótese nenhuma de trabalho noutras... [Fazem muitos espectáculos por ano] Muito espectáculos, é muito exigente... e muito mais tempo... E eu sei que é um privilégio receber um salário... como músico de orquestra e ter tempo para fazer outras coisas.”*

Intimamente relacionados com os dois pólos opostos das motivações da vinda para Portugal (motivações artísticas de um lado, e motivações não artísticas de outro) encontram-se os planos de futuro e de permanência em Portugal.

Relativamente aos planos de futuro, são menos de um quarto dos entrevistados, aqueles que pretendem sair de Portugal irreversivelmente. Entre estes encontramos tanto os que desejam regressar ao país de origem (especialmente aqueles que vieram para Portugal com motivações relacionadas com a formação artística, muitas vezes inexistente nos países de origem e raramente provenientes de países Europeus) como os que desejam dar continuidade ao processo de mobilidade geográfica associado à acumulação de experiências artísticas (esses sim, frequentemente provenientes de países Europeus pertencentes à U.E.).

Assim, a maioria dos entrevistados tem intenções de continuar as suas vidas profissionais em Portugal, muito especialmente porque é aqui que pretendem dar continuidade às raízes familiares e sociais entretanto criadas – sendo que entre estes entrevistados e aqueles que vieram para Portugal movidos por intenções maioritariamente não artísticas existe uma forte associação. Ainda assim, também encontramos motivações de permanência em Portugal relacionadas essencialmente com estratégias de internacionalização do trabalho artístico, pela centralidade que atribuem a Portugal na Europa.

Da formação artística aos percursos profissionais

A maioria dos artistas mobilizados para este estudo é detentora de uma formação artística desenvolvida no interior de uma entidade artística ou cultural (sejam escolas, associações culturais, grupos recreativos ou outros), onde a constituição de instrumentos e competências artísticas foi efectiva, mesmo que não geradora de um nível de escolaridade ou diploma reconhecido. Não obstante, para um conjunto significativo destes entrevistados a detenção de um nível de ensino superior (sobretudo licenciaturas, mas também



mestrados) é parte integrante dos seus currículos profissionais. A não detenção de uma formação artística como base de um percurso profissional e acolhida numa qualquer entidade escolar ou artística é uma situação praticamente isolada (identificada apenas em artistas ligados às artes plásticas e ao audiovisual e multimédia). Nestes casos a *afirmação artística* é conseguida pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da actividade artística, pela troca de experiências entre pares e por um conjunto de recursos mobilizados e característicos reconhecidos num autodidacta.

Os níveis de escolaridade detidos pelos artistas entrevistados neste estudo, bem como os respectivos percursos de formação artística, são pautados por especificidades, nalguns casos até individuais que, não obstante algumas características comuns transversais, atribuem alguma heterogeneidade a este grupo de artistas. Esta heterogeneidade está na origem de percursos escolares e artísticos de tal forma distintos, ao ponto de a formação artística adquirida e desenvolvida poder ela mesma ser geradora de um diploma ou, pelo contrário, não ter qualquer equivalência a determinado nível de escolaridade. Ficamos, deste modo, confrontados com vários cenários, em que por vezes ora a nacionalidade ora o domínio artístico podem revelar alguma coincidência nos percursos, sem no entanto serem reveladores de padrões explicativos rígidos.

"Passei a fazer os desenhos aguarelados, depois dos desenhos aguarelados alguém me meteu umas peças na mão para ver se eu pintava umas telas, umas coisas... Eu sem experiência do óleo e tudo e comecei a ir, a ter um percurso até de autodidacta."

Pintor, Caboverdiano, 61 anos

A sobrevalorização da experiência artística individual e da capacidade e aptidão criativa expressada face à formação escolar formal é partilhada (e sem retirar relevância à própria formação artística) mesmo pelos artistas detentores de formação artística especializada.

"Mas as primeiras coisas que fiz em harmonia foi através da comparação de métodos, sozinho, e depois a perguntar coisas que não percebia. O que dá uma outra perspectiva das coisas, porque de certa maneira esse método é um bocado como uma pessoa que... inventa a aspirina sozinha. Não é a mesma coisa ir à faculdade e aprender química e essas coisas... é diferente de inventar as coisas sozinho. A maneira como essas coisas se aprendem é diferente..."

Realizador/Guionista, Uruguaio, 48 anos

Eu não fui para o ARCO aprender a fotografar, nem a desenhar, nem nada disso, porque eu já tinha esse background apesar que, de forma... portanto... autodidacta. De cariz autodidacta... ou empírica, se quiser!

Artista Plástica, Angolana, 35 anos

Para a maioria dos artistas entrevistados a formação artística obtida foi adquirida nos respectivos países de origem, sendo referido que esta formação é bastante valorizada na actividade profissional desenvolvida em Portugal. No entanto, e em consonância com o que já foi referido relativamente à sobrevalorização da aptidão artística, é de destacar que a valorização da formação artística é variável nos diferentes domínios artísticos. Sobretudo no domínio artístico da dança, em que a prestação criativa e técnica demonstrada nas audições é entendida como o principal instrumento de recrutamento, sendo essa mesma prestação reconhecida como o "certificado escolar" mais relevante.

Alguns artistas referem outros países que não o de origem como os de acolhimento da sua formação artística, estando subjacentes a estes critérios de escolha estratégias pessoais ou simplesmente os países por onde foi sendo desenvolvida a actividade profissional.



Portugal é identificado por alguns destes artistas como o país onde a formação escolar artística teve início, sendo que nalguns casos a formação em Portugal se constituiu como o próprio motor para imigração. Este é o caso especialmente dos artistas provenientes dos PALOP.

Os diferentes contextos de suporte financeiro da formação artística parecem, no entanto, ser alheios ao local ou tipo de formação artística obtida. A maioria destes artistas teve como suporte desta formação a própria família.

Não obstante, são referenciados outros meios de sustento desta formação. Não poucos artistas se viram obrigados ao desenvolvimento de uma actividade profissional muitas vezes exterior ao meio artístico, como forma de custear as despesas com a formação, mas também as despesas diárias de vida.

“Eu não tinha assim uma bolsa, os meus pais não estavam a gostar nada desta ideia, e quando disse aos meus pais que vou fazer fotografia, eles não, disseram «não podemos suportar-te». Não sei se era mesmo que não podiam ou também quiseram mostrar que não queriam mesmo. E para mim foi a coisa mais simples e uma coisa também que gostei, comecei a ensinar à noite numa escola e começou assim. No princípio também trabalhei como empregada de mesa num restaurante, mas a coisa do ensino eu gostava de fazer.”

Fotógrafa, Alemã, 37 anos

A obtenção de bolsas de estudo é de tal forma pontual que apenas é referida por dois dos artistas entrevistados e relativamente a um curto período do seu percurso de formação escolar.

A maioria dos artistas mobilizados neste estudo desenvolveu uma actividade profissional no seu país de origem, ainda que nem sempre esta tenha ocorrido em meio profissional artístico. O não desenvolvimento de uma actividade profissional (nomeadamente artística) no país de origem é justificado pelo rumo a outros países para obtenção de formação artística, e noutros casos em virtude do final da formação artística coincidir com o início do processo migratório.

O desenvolvimento no país de origem de actividades profissionais não artísticas (não partilhado por muitos artistas), em paralelo da actividade artística ou num período em que esta ainda não se tinha iniciado ou era intermitente, não se revelaram nem muito prolongadas no tempo e por isso também pouco significativas no percurso profissional global. As motivações associadas a estas actividades não artísticas foram eminentemente económicas, entendidas como complemento da actividade artística, mas por vezes também centrais para a sustentabilidade quotidiana.

A actividade profissional não artística desenvolvida noutros países que não o de origem no decurso da carreira, e em momentos anteriores à entrada em Portugal, é relatada por um número relativamente reduzido de artistas e por períodos de tempo não muito prolongados. Para alguns artistas nesta condição, este facto não invalida no entanto uma relevância artística e projecção profissional a destacar nos seus percursos profissionais.

Para a maioria dos artistas entrevistados Portugal constitui-se como o primeiro país de imigração e logo como o primeiro país onde é desenvolvida uma actividade profissional (para aqueles que não desenvolveram no país de origem) ou como o primeiro país estrangeiro onde a actividade profissional (artística ou não artística) é iniciada.

O desenvolvimento de actividades profissionais não artísticas em Portugal (não partilhado pela maioria dos artistas), em paralelo com a actividade artística ou num período em que esta ainda não se tinha iniciado ou era intermitente, não se revelaram muito prolongadas no tempo e por isso também pouco significativas no percurso profissional global. Esta situação é mais frequente nos artistas ligados ao teatro do que a qualquer outro domínio artístico, eminentemente pela barreira que o não domínio da língua portuguesa representa.



No entanto, a actividade não artística, e um vínculo contratual a ela associado, é muitas vezes mobilizado estrategicamente para a obtenção de legalização em Portugal. A actividade profissional semi-artística da transmissão de conhecimentos e competências artísticas adquiridas anteriormente à vinda para Portugal, isto é, a actividade docente desenvolvida paralelamente à actividade profissional artística, provou ser de grande importância para o estabelecimento célere de vínculos contratuais, para o contacto directo e quotidiano com a língua portuguesa e com o vocabulário técnico artístico, e para entrar no campo artístico propriamente dito ou para reificar essa mesma posição. Os domínios artísticos onde a actividade profissional é desenvolvida por conta de outrem com maior frequência são o da Música e da Dança, o que não invalida que alguns artistas ligados a estes domínios tenham desenvolvido, no início das suas carreiras, actividade por conta própria (em regime de recibos verdes) e apenas mais tarde tenham adquirido um vínculo contratual nas respectivas entidades, nem invalida que a par de um vínculo contratual (por conta de outrem) seja mantida em paralelo uma actividade independente por conta própria como é o caso de alguns artistas nomeadamente ligados ao domínio da Música.

Perfis de artistas e de integração

Foram duas as variáveis independentes consideradas neste estudo: a origem/nacionalidade e o domínio artístico. Foi possível, com base nestas, construir uma tipologia e uma hierarquização de integração.

Se considerarmos o impacto de cada uma destas variáveis *per se* na integração e nos percursos profissionais dos artistas, verificamos que o impacto da nacionalidade é mais forte do que o do domínio artístico. Esta intensidade tanto ocorre no sentido positivo, como no negativo, fazendo com que a amplitude desta variável seja maior do que a do domínio artístico. Por outras palavras, a nacionalidade do artista parece condicionar mais o sucesso da sua trajectória de integração profissional (porque transversal a toda a sua vida) do que o domínio artístico no âmbito do qual desenvolve a sua actividade e recebeu formação (porque confinado ao campo da arte).

O efeito da variável do domínio artístico é menor do que o da nacionalidade. Ainda assim, este tem o potencial de definir o sentido do efeito da nacionalidade (positivo ou negativo). A tabela seguinte ilustra os efeitos cruzados destas duas variáveis, hierarquizando (da dificuldade mínima à dificuldade máxima) o grau de integração dos artistas. Foram considerados, para esta tipologia, os contributos da análise quantitativa.

Tabela 2: Variáveis de análise e hierarquia de dificuldade de integração

		Domínio artístico	
		Dança e Música	Restantes domínios
Origem	União Europeia	1	2
	Fora da União Europeia	3	4

(1= dificuldade mínima; 4= dificuldade máxima)

As dicotomias internas a cada uma das variáveis, como tipologias que representam, reduzem analiticamente a diversidade das trajectórias. Permitem, no entanto, a identificação de ideais-tipo de integração de artistas estrangeiros em Portugal.

Relativamente à origem dos artistas, a principal distinção verifica-se entre os provenientes da União Europeia e das restantes origens. Do ponto de vista quantitativo, esta origem destaca-se das demais por: ser a que apresenta percentagens mais elevadas entre os artistas estrangeiros, apresentar uma maior



heterogeneidade relativamente à idade, à residência e ao sexo, e por apresentar uma maior homogeneidade relativamente às condições em que desenvolvem a actividade artística. Do ponto de vista qualitativo e das trajectórias de mobilidade artística, verificamos que esta origem se distingue pelos seguintes aspectos:

- A imigração para Portugal é, na maioria dos casos e ao contrário do que ocorre com outras origens, posterior à formação. A vinda para Portugal ocorre, desta forma, numa fase mais estável e consolidada da carreira artística;
- A legalização da permanência ocorre de forma muito mais simplificada e célere;
- A identificação com a profissão é maior do que com o país. São mais *artistas* do que *imigrantes*.

Por outro lado, a grande dicotomia que se verifica nos domínios artísticos, é a que distingue a dança e a música dos restantes domínios artísticos. Estes dois domínios distinguem-se dos restantes pelas seguintes características:

- É mais comum a contratação por estruturas do sector público. Como consequência, a existência de vínculo contratual é mais frequente nestes domínios;
- Existe uma maior autonomia/independência do domínio da língua portuguesa, o que torna mais célere o processo de integração profissional.
- Nestas áreas, o recrutamento dos artistas ocorre, com muito mais frequência, por via do convite das entidades artísticas.

Os efeitos cruzados destas características produzem, então, a hierarquia anteriormente apresentada.

Bibliografia

CONDE, Idalina (2000), “Profissões artísticas e emprego no sector cultural” in OBS nº7, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

CONDE, Idalina (2003), “Making distinctions: conditions for women working in serious music and in (new) media arts in Portugal” in AAVV, *Culture-Gates – Exposing Professional ‘Gate-Keeping’ Processes in Music and New Media Arts*, ERICarts in cooperation with FinnEKVIT, MEDIACULT, Observatório das Actividades Culturais, and ARCult Media, Bonn.

DUARTE, Sara; GOMES, Natália (2005), “Mulheres artistas, imigrantes: passos em volta...” in AAVV, *Imigração e Etnicidade: Vivências e Trajectórias de Mulheres em Portugal*, Lisboa, SOS Racismo.

EUROSTAT (2000), Eurostat Working Papers (Population et conditions sociales 3/2000/E/Nº1). Les Statistiques Culturelles Dans l’UE. Rapport Final du LEG, Comissão Europeia.

NICO, Magda; GOMES, Natália; ROSADO, Rita; DUARTE, Sara (2007); *Licença para Criar: Imigrantes nas artes em Portugal*, Colecção “Estudos e Documentos do Observatório da Imigração” nº23, ACIDI, Lisboa.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul (1999); *Histórias de Vida, Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.

ⁱ Para aprofundar os problemas de “definição, classificação e contabilização” em torno da noção de profissão e emprego nos domínios da arte e da cultura, ver Conde, Idalina (2000), “Profissões artísticas e emprego no sector cultural”; Conde, Idalina (2003), “Making distinctions: conditions for women working in serious music and in (new) media arts in Portugal”.

ⁱⁱ Hipótese lançada por Duarte, Sara; Gomes, Natália (2005), “Mulheres, artistas, imigrantes: passos em volta...”

ⁱⁱⁱ Ver Nico, Magda; Gomes, Natália; Rosado, Rita; Duarte, Sara (2007), *Licença para Criar: Imigrantes nas artes em Portugal* pp. 63-133.

^{iv} Foram também entrevistados programadores artísticos e culturais, ficando essa análise fora do âmbito desta comunicação. Nico, Magda; Gomes, Natália; Rosado, Rita; Duarte, Sara (2007), *Licença para Criar: Imigrantes nas artes em Portugal*, pp. 209-230.

^v Para aprofundar metodologia das histórias de vida, ver Poirier, Jean; Clapier-Valladon, Simone; Raybaut, Paul (1999), *Histórias de Vida, Teoria e Prática*.

^{vi} Ver EUROSTAT (2000), Eurostat Working Papers (Population et conditions sociales 3/2000/E/N°1). Les Statistiques Culturelles dans l'UE. Rapport Final du LEG, Comissão Europeia.

^{vii} Entre as restantes: Conservação, Produção, Difusão, Comércio, Formação.

^{viii} No momento da realização do projecto de investigação “Licença para criar: Imigrantes nas Artes em Portugal”, em 2006, alguns dos países de onde eram originários os nossos entrevistados ainda não haviam aderido à U.E., o que veio a acontecer em 2007. Contudo, a opção de os considerar aqui como não pertencentes à U.E. prende-se com o facto de que estes entrevistados quando imigraram para Portugal (e na altura em que foram entrevistados para o presente estudo) estavam ainda confrontados com o enquadramento legal dos países não pertencentes à U.E.